

Suspensa em azul, céu e mar, Cuba, tão alva e tão verdejante, é um nó, um entrelaçador das rotas do socialismo que emanam de todos os continentes. Azul, insisto: é essa a cor que domina no vestuário, nos emblemas e nos cartazes de politização — um tom alegre e de liberdade que diz com um povo, como este, aberto e sem fronteiras para a Revolução.

Azul largo e tão íntimo, penso. E recordo que logo ao desembarcar em Havana o que seduz imediatamente e se vai reconhecendo cada vez mais no dia-a-dia cubano é essa prática espontânea de viver a Revolução em alegria e descontração, em falar de Fidel como de um familiar e de Cuba como coisa comum, do seu gosto. Trabalho e poder popular vão crescendo a partir da rua, da quadra, do CDR sem exhibições de austeridade, sem os formalismos opressivos que se vêem em tanto lado e sobretudo nas fases instáveis de uma transformação social. Pelo contrário. Aqui, Cuba, território livre e consolidado, toda a disciplina revolucionária se tornou interior, vivida, e sem alarmes nem expressões enfáticas. Vê-se isso na rua e no trabalho; no uso que a população faz dos bens sociais e na facilidade de convívio diário; na tranquila segurança com que aquelas alunas da escola Lenine falam aos estranhos e mostram uma organização modelar que consideram delas e do seu futuro; no humor e no à-vontade do quotidiano; no entusiasmo natural com que cada um está no país e segue nele.

(Daí a imaginação revolucionária do cubano de hoje, penso. A simplicidade clara das soluções encontradas em expressões directas, familia-

res — como os discursos de Fidel — e de pronta aplicação).

Falo, nunca me esqueço de um país entre a pátria e a morte. De uma ilha a saque que se tornou o espinho impiedoso, cravado nas garras mais vorazes do gigantesco condor da Norteamérica: Cuba.

Vê-la agora, soberana e triunfante, é rememorar todo o capítulo decisivo da agonia e morte do capitalismo arrogante. E, mais: é aprender um

rança e a certeza do futuro. O que a define é tudo isso, e principalmente o alcance político com que essas vitórias foram planeadas e a consciência das massas que as fabricaram.

Esse alcance, essa planificação projectavam a experiência cubana para longe dos limites do lugar pátrio e envolvem agora todos os povos em processo de libertação. Che Guevara e todos os rebeldes da Sierra Maestra assim

Rico» foi feito o levantamento panorâmico de um universo explorado e inconformado — a negação da *Pax Americana* nas suas formas de genocídio, de regionalismo político, de segregação económica e de colonialização cultural.

Por isso, o Caso Portorriquenho atingiu em Havana não somente as proporções de um drama nacional mas, mais do que isso, as de um exemplo-limite da voracidade dos Estados Unidos. Ele foi simultaneamente o grito de consciência a que se juntavam os explorados do resto do mundo para ganharem força comum na arrancada da libertação. É que nos dias de hoje o universo cresceu e tornou-se mais claro, mais coeso. O destino de Angola — sabemo-lo — ou da Palestina, ou do Chipre, do Líbano, do Chile, da Coreia ou de Portugal jogam-se, sim, na Wall Street. Mas decidem-se em cada uma das pátrias subjogadas e noutras, mais longínquas, mais libertas, como esta de Cuba, onde afinal foi a Wall Street que esteve em jogo e tremeu.

Lembro-me de uma frase que um velho e grande americano, John Donne, escreveu um dia e que Ernest Hemingway, amigo de Cuba e da Revolução, citou a abrir um dos seus livros: «Nenhum homem é uma ilha, cada homem é uma parcela de um continente, uma parte do todo essencial».

Recordo-a neste momento em que os Estados Unidos acabam de ser despojados da sua falsa razão e da sua falsa cultura. Isso aconteceu há dias em Cuba, ilha livre que ultrapassou mares e distâncias, para fazer com todos nós, povos divididos e ameaçados, um imenso continente socialista.

CUBA NÃO É UMA ILHA

POR JOSÉ CARDOSO PIRES

novo homem, historicamente situado em termos de futuro e de dignidade.

Situado, quero eu dizer, na responsabilidade do seu próprio processo e no lugar que ocupa no internacionalismo internacional. Nas duas coisas, simultaneamente, porque ambas se engrandecem uma à outra e ambas são avanços do mundo.

Falar da libertação social e económica de Cuba, apontar as suas conquistas pioneiras, ensino e fábricas e poder popular, tudo isso está inscrito e assombra. Mas o que define a nova pátria das Américas não é apenas o facto de ter dado a todos trabalhadores pão e paz, cultura e independência, e alto poder de compra. Não é apenas a saúde ou o telefone grátis. Nem a segu-

o entenderam desde a primeira hora — e, vêde, o país que concitou, logo à primeira hora de independência, a solidariedade de todas as pátrias oprimidas sem que delas lhe viesse socorro, esse país, Cuba, é agora o que, definitivamente livre, estende o seu brado de solidariedade a todos os cantos do mundo.

Assim aconteceu há dias na Conferência Internacional pela Independência de Porto Rico. Para além dos laços históricos que unem os dois povos e da vizinhança estratégica que os identifica no *Atlas Americano*, o que se pôs em equação e ficou bem claro nesta assembleia de quatro continentes foi a definição prática do colonialismo estado-unidense nas diferentes áreas do globo. Ali, sob a rubrica «Porto